

Patrimônio Cultural de Pernambuco



Tracunhaém – vista geral

TRACUNHAÉM

FORMIGUEIRO DE TRACUNHAÉM

Marcos Accioly

*Pela onomástica é indígena:
Vem de garacu-nhenhém
O nome de formigueiro
Que é dado a Tracunhaém.*

*Mas ali não há formigas
De-defunto ou de-imbaúva
– Que habitam covas e troncos –
Nem de-mandioca: saúva.*

*Não há taiocas-vermelhas,
Tampouco as pretas-da-terra:
Trabalhadoras que vivem
Em formigueiros-panela.*

*Porém formigas-humanas
Que em jegues, burros, cavalos,
Dos beijos da lama-dágua
Levam caçambas de barro.*

*Quem passa em Tracunhaém,
Pela rodagem, presume
Que o barro ali entranhou
Nas tradições e costumes.*

*Mas o atavismo oleiro,
Que passa de uns para os outros,
Não é da água do sangue,
Pois é no barro do corpo.*

*As mãos já trazem a arte
Dos objetos, das coisas
De modelagem: as técnicas
Dos vidros claros das louças.*

*Tanto é assim, que os meninos
De argila fazem os pássaros,
E, da carne dos seus dedos,
Eles, bonecos-de-barro.*

Ac. 374022
Ex. 1
8950 306

*Ali o barro é o busto
Das praças e logradouros,
Porque não só se encomendam
Manilhas, telhas, tijolos.*

*Aos pés do rio se encontram
Cerâmicas e olarias,
Onde se fabricam filtros,
Alguidares e quartinhas.*

*Também, de gasto doméstico,
As demais louças-de-barro:
Painéis, potes, papeiros,
Tigelas, terinas, jarros.*

*E figuras, à imagem
Da gente que, na janela,
Parece de vidro-verde
Na sua lpuçamarela.*

*Do Alto-do-Trapuá,
Debaixo do sol do forno,
Na queima de luz das chamas
O barro se muda em ouro*

*Aceso de cor, ferrugem
Do fogo em incêndio, pátina:
Como se o barro chorando
Se vitrificasse em lágrima.*

*Que, cozido, fica seco
E, seco, se torna duro
Como se um corpo, sem carne,
Com a pele no osso: enxuto*

*De suor, igual ao povo
Que ali, em Tracunhaém,
Bebe, come, sonha o barro,
Dorme com o barro também.*



PESCADORES DE TRACUNHAÉM



*Se o canal é mar
De carpina a Nazaré,
Em Tracunhaém, no porto,
O oceano mar-é,*

*Porque a água perde a força
Da lua, ao estagnar —
Se ao sol, em rios, açudes,
Cacimbas, poços-de-mar,*

*Lama-de-pote, água-pedra,
Que a praia não pôde ou quis
Beber, com língua de esponja,
Do mar de folha e raiz,*

*Seu lago-verde, lagoa,
Planta-de-capim, cabelos
De meninas enterradas
Sob os ventos carpineiros.*

*Sempre às margens desse cais
De engenhos, os moradores
De Tracunhaém parecem
Famílias de pescadores,*

*Ou-gente feita da mesma
Argila que vai durar
Menos do que seus bonecos:
O peixe de se pescar*

*Com a mão, que lança o seu lance,
De rede aberta na areia,
Que nem tarrafa, puçá,
Ou jereré e caceia,*

*E traz a guelra-do-barro
— A cria dos seus viveiros —
Com a isca da própria carne
Entre a panela dos dedos.*

TRACUNHAÉM CENTRO DE ARTESANATO

Rubens Lóssio

Distante cerca de 60 km do Recife, ao qual se interliga pela PE-05 e PE-65, Tracunhaém é centrada por um conjunto histórico de perfis que remontam, por vezes, até a arquitetura seiscentista. Esse núcleo se constitui praticamente de duas seculares igrejas e da praça longitudinal que as medeia, juntamente com o vetusto casario envolvente.

Contudo, o que mais realça e projeta Tracunhaém reside em sua vocação e profissão artesanal. Antes mesmo do fluxo turístico que vem pervadindo Pernambuco, na visitação e aquisição de bens culturais, o artesanato feito de barro já funcionava, como cultura de subsistência para muitos habitantes da antiga vila. Produtos de cerâmica utilitária — como tijolos, telhas e manilhas, painéis, pratos e jarras, potes e aguidares, tijelas ou terrinas, moirangas ou quartinhas, entre outras — eram vendidos no local e nas feiras da circunvizinhança. A cerâmica de utilidade somou-se a imaginária primitiva, com a reprodução de santos, anjos e vultos da religiosidade popular e depois surgiu a arte figurativa que passou a representar entidades reais ou fictícias, antropomórficas ou mirabolantes.

Para observar-se que, se antes se dava a composição da imaginária religiosa ou mítica com as

figuras ou coisas imaginadas, agora se tenta a justaposição de seres exóticos e até de objetos eróticos. Efetivamente, Lúdia de Tracunhaém se evidenciou tanto pelo volume de sua produção como pelo seu pioneirismo na cerâmica figurativa. Severino, marido e aprendiz de Lúdia, iniciou a confecção de figuras antropomórficas e de bichos estranhos. E, ultimamente, Betinho vem ousando, em seus arroubos juvenis, produzir figuras eróticas, não sem afrontar os padrões de uma comunidade, cuja cosmogonia se acomodava à abordagem apenas de aspectos religiosos ou folclóricos.

Vale considerar que alguns artistas imprimem espontaneamente algum traço característico às suas obras. Assim, transparece uma expressão de felicidade nas figuras de Antônia Leão e qualquer marcar de dor se estampa nos vultos de Maria Amélia. Já o casal Nuca e Maria deixa sensível uma rara delicadeza nos seus trabalhos.

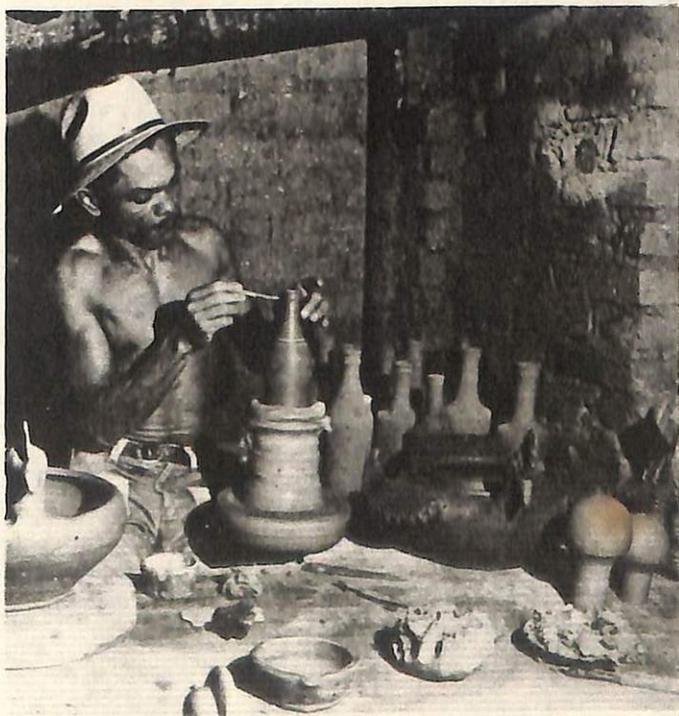
Não é de surpreender portanto, que o fascínio, talvez telúrico, desse recanto se afirme tamanho, a ponto do artista plástico Thiago Amorim permutar o mirante admirável de Olinda pelo ambiente artístico de Tracunhaém. Aí se demora na criação original de animais fantásticos e figuras mitológicas. É que, diz ele, "aqui o

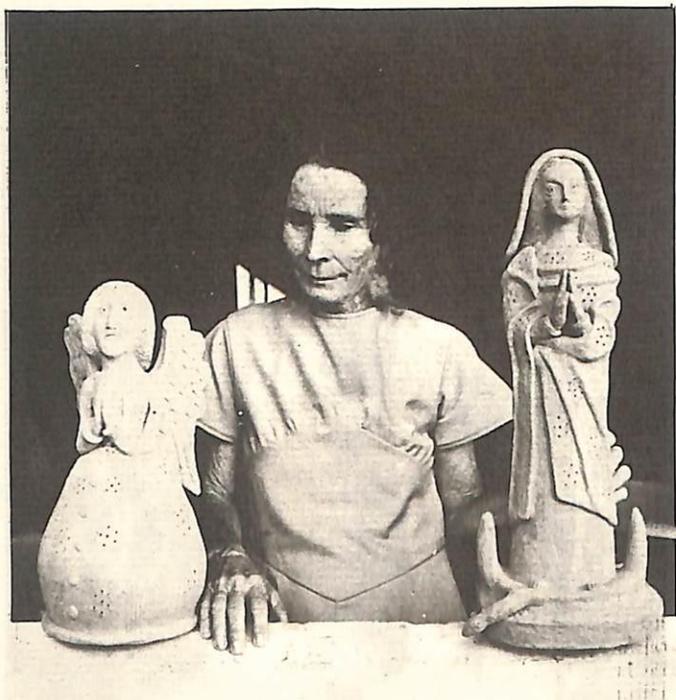


povo sabe o que fazer com o barro. É uma escola natural de cerâmica onde o artista faz questão de conservar sua individualidade, seu estilo."

Verdadeira tradição, a cerâmica de Tracunhaém se foi transmitindo de pais a filhos, geração por geração. Nessa linhagem múltipla e praticamente anônima, todavia, alguns nomes emergem com notável destaque, como artistas criativos e inovadores.

Para ilustrar a galeria dos já falecidos, basta rememorar Severino e Lúdia Vieira e Severina Batista, conhecidos nacionalmente. Na peregrinação dos ainda vivos, desfilam, atuantes dentre outros, Antônia Leão, Luiz Trude, Manoel Gomes (Nuca) e sua mulher Maria, Zezinho, Maria Amélia, Nilson e Betinho. Em meio a essa constelação de artífices da cerâmica, como expressão autêntica da cultura popular, ganham realce alguns





nomes, cujas obras projetaram Tracunhaém para além das fronteiras pernambucanas e mesmo brasileiras. A peça "Boneca e Duas Meninas" de Antônia Leão integra o elenco do Museu de Viena. Zezinho – que modela imagens de até 5 metros de altura, como a do São José Lenhador venerada na igreja de Camaiau, na Paraíba – já expôs em grandes centros em espaços culturais do porte do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1981, repousando no Palácio do Planalto, em Brasília, as suas

imagens de Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara e Santo Antônio. A Nilson, que trabalha por encomenda, coube distinguir-se com a autoria da imagem de Nossa Senhora do Carmo, com que o Governador Marco Maciel presenteou o Papa João Paulo II, quando Sua Santidade visitou o Recife.

A vocação para a cerâmica, em Tracunhaém, tem sido, realmente compensada pela profissão do artesanato do barro. A despeito de a matéria prima apropriada ser, às vezes, transpor-



tada de longas distâncias, como a do município do Cabo, ao Sul do Recife, a cidade de Tracunhaém possui nada menos de 37 "indústrias" caseiras de cerâmica. Também existe um Centro de Produção Artesanal, que tem recebido apoio e auxílio do Governo do Estado, através da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes e da Secretaria do Trabalho e Ação Social.

mais que todo e qualquer estímulo dispensado por outrem, contudo, vale e vela, no processo de desenvolvimento e proteção

da cultura popular, a conscientização da comunidade quanto à importância e necessidade de preservar e promover os seus valores culturais. Esta força catalizante e propulsora, a um tempo preservadora e revitalizante, eis o que inspira e anima a cidade a constituir-se de maneira singular, num grande ateliê coletivo.

No caleidoscópio do turismo cultural de Pernambuco, Tracunhaém avulta, sem favor, como um dos mais expressivos centros artesanais do Brasil.

